



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Elementos por uma Semiótica da Comunicação em Práticas Ocultistas*

Prof. Dr. Luís Carlos Bittencourt (Escola de Comunicação/UFRJ)

Palavras-chave: Ocultismo, Comunicação, Semiótica

Resumo

Partindo da hipótese de que a prática ocultista pressupõe processos comunicativos, e de que o esclarecimento de fenômenos decorrentes da espiritualidade são fundamentais para a compreensão de aspectos complexos dos sistemas perceptivo-cognitivos do ser humano, este trabalho propõe-se a justificar a necessidade do desenvolvimento de uma Semiótica da Comunicação em Práticas Ocultistas. Para tanto, sugere uma investigação a partir do sistema semiótico estabelecido por Charles Peirce e retoma o conceito de “ciências ocultas”, relacionando espiritualidade, fato e realidade para levantar a hipótese da existência de um objeto de estudo à luz da ciência tradicional. Finalmente, defende a abordagem do ocultismo como um saber nootrópico a que pode ser integrado a comunicação.

Ocultismo e comunicação

“Caro amigo,

... Sei que você tem obedecido à sua profunda inclinação pelo estudo do ocultismo, e não duvido que aí poderá colher abundantes frutos. Nada há a fazer contra isso e cada qual tem razão de obedecer ao encadeamento de seus impulsos. A fama adquirida através de seus trabalhos sobre a demência resistirá por muito tempo à acusação de ‘místico’. Mas não permaneça em meio às luxuriantes colônias tropicais; é preciso reinar na própria casa.

Cumprimentando-o muito cordialmente e espero também me escreva em breve.

Seu amigo fiel.

Freud”.¹

Amizade e fidelidade são qualidades que cimentam as relações enquanto elas duram. Em 1911, Freud e Jung ainda mantinham vínculos que ultrapassavam os limites profissionais. A carta citada, no entanto, prenunciava o rompimento entre o mestre e o discípulo que seria efetivado três anos depois. Dissensões em torno da teoria da libido, que Jung insistia em dessexualizar, e opiniões contrárias em relação ao desejo incestuoso levaram os dois ao rompimento.

¹ Jung (1975, p.319). Carta de 15 de junho de 1911.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Carl Jung seguiu o “encadeamento de seus impulsos” e “colheu frutos abundantes” no seu caminho. Mais do que isso, abriu inúmeras estradas percorridas por discípulos e pesquisadores que encontram na sua obra uma fonte inesgotável de criatividade, erudição e sabedoria. “Não concordo quando dizem que sou um sábio ou um ‘iniciado’ na sabedoria”, escreveu Jung (1975, p. 307), completando com o relato de uma história:

“Há uma velha lenda, muito bela, de um rabino a quem um aluno, em visita, pergunta: ‘Rabbi, outrora havia homens que viam Deus face a face; por que não acontece mais isso?’ O rabino respondeu: ‘Porque ninguém mais, hoje em dia, é capaz de inclinar-se suficientemente’. É preciso, com efeito, curvar-se muito para beber no rio”.

Jung, como um bom sábio, afirma que a diferença entre ele e a maioria dos homens “reside no fato de que em mim as ‘paredes divisórias’ são transparentes. É uma particularidade minha. Nos outros, elas são muitas vezes tão espessas, que lhes impedem a visão. Eles pensam, por isso, que não há nada do outro lado. Sou capaz de perceber, até certo ponto, os processos que se desenvolvem no segundo plano; isso me dá segurança interior” (1975, p.307).

Esta segurança Jung a demonstra em diversos livros sobre temas como artes divinatórias, alquimia etc. Utilizando os recursos da ciência ao alcance de sua época, mostra um universo povoado de símbolos arraigados no inconsciente do indivíduo, sediados numa espécie de memória virtual atualizada cotidianamente. Descobrimos regularidade na experiência simbólica, Jung desvela princípios não-causais de conexão a que dá o nome de sincronicidade. Com isso, abriu uma via de acesso ao estudo do ocultismo.

Por sua vez, a ciência corrobora as deduções psicológicas subvertendo as noções de tempo e espaço, criando um universo de ordens explícitas e implícitas em que as leis de causalidade perdem sua referência lógica e formal. O universo ganha atributos de indeterminação e criatividade. E no âmago desse processo renovador, uma disciplina ganha força e credibilidade como ferramenta de análise e compreensão de alguns fenômenos sócio-culturais: a comunicação.

A comunicação hoje pode ser vista como uma disciplina essencial para a compreensão de fenômenos ocultistas e sincrônicos, como os referidos por Jung. Clarividência, clariaudiência, telecinesia, telepatia, incorporação e inúmeros outros fenômenos atribuídos a práticas conhecidas como ciências ocultas podem ser analisados sob o ponto de vista da comunicação.

Na consulta ao Tarot, por exemplo, trata-se de um processo dialógico mediado pelas cartas que envolve não só consultor e consulente. Pode-se refletir sobre a existência de “parceiros” subjacentes ao fenômeno da sincronicidade, povoando o “segundo plano” a que se refere Jung. Toda uma prática-filosófica espírita foi construída com base no seguinte pressuposto: há uma comunicação com os espíritos desencarnados. Milhões de pessoas em todo o mundo praticam, de uma forma ou outra, algum tipo de comunicação com os “espíritos”.

Umberto Eco tratou do assunto em *Aspectos da Semiose Hermética*². E mostra como o assunto é rico para a semiótica. Diz ele que o modelo hermético

² Eco, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



alimenta grande parte da cultura moderna.³ E Charles Peirce, misto de filósofo, matemático e semioticista norte-americano, também abordou o assunto em vários escritos. É na semiótica nos moldes estabelecidos por Peirce que se busca uma compreensão das práticas ocultistas.

Quem são, além de consulente e consultor, os “parceiros” ocultos do diálogo ocultista? Quais são os protocolos que regulam essa comunicação? Qual é o seu universo de significação? Estamos num “viveiro de signos”. Lúcia Santaella contrapõe céu e Terra (1992, p.107-108): “Muitos olhos, ao redor do planeta, espiam, contemplam, rastreiam os sinais da Terra, processam sua tradução em sinais codificados que, transmitidos à Terra, são reprocessados e convertidos em imagens. (...) Quantas visões da Terra o Céu nos envia? (...) Quantas Terras há, vistas do Céu? (...) Os sentidos, especialmente os olhos e ouvidos do homem, assim como seu cérebro, estão crescendo para fora do seu corpo”.

Citando Charles Peirce, Santaella afirma (1992, p. 61-62) que “O universo está em expansão. Onde mais poderia ele crescer senão na cabeça dos homens?”. De fato, complementa Santaella, “O cérebro e os sentidos humanos estão crescendo, mas crescem para fora da cabeça e do corpo na multiplicidade de seus prolongamentos” fazendo com que as faculdades humanas passem “por transformações num ritmo tão veloz que não deixa atrás de si senão cacos da nossa auto-imagem, sobre o pano de fundo de um modelo de mundo, da prévia idade moderna, que se estilhaçou”.

Num sentido inverso e complementar, o homem também volta-se para dentro. A descoberta cósmica tem sua contrapartida interior. Não há signos apenas do lado de fora. Dentro, há um universo infinito a descobrir, uma viagem fantástica que há séculos vem sendo feita por peregrinos de tradições religiosas praticantes das ciências ocultas. O Tarot é uma dessas tradições, bem como a conversa com os espíritos, que *xamãs*, curandeiros e consultores de oráculos praticam há milênios.

Vê-se que há um *processo de comunicação*. Tecnicamente, há emissor, receptor e mensagem. Nada que não possa ser utilizado no estudo, por exemplo, das comunicações espíritas. Um médium capta as mensagens de um espírito e as transmite ao papel. Neste momento ele está fazendo o papel de *canal*. É um canalizador de “energias espirituais”. A fonte está no “mundo dos mortos”, um espaço determinado, um lugar qualquer, que não é geográfico nem material, para onde vão as “almas” depois que deixam os corpos. O *emissor* é uma entidade que deixou o mundo material para ocupar o seu lugar num mundo invisível aos homens comuns mas perceptível, visual ou sensitivamente, a homens e mulheres sensíveis à subjetividade espiritual. E o médium - o mediador - recebe a mensagem para um *destinatário* determinado.

É importante reiterar que, na prática teúrgica⁴, a experiência é o que conta. Tornar-se sujeito e objeto de observação não é fácil, mas não é impossível quando um

³ Eco (1995), pg. 26.

⁴ As operações que acionam os poderes de Deus ou dos seres espirituais sobre a natureza e a humanidade.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



conjunto de fatores conduz a uma ação da qual não se pode derrogar. A maior dificuldade, sem dúvida, é de natureza emocional. O controle das emoções, de tal forma que a consciência coopere com processos superiores de comunicação, é condição essencial para o bom empreendimento da tarefa. É uma aprendizagem, no entanto, que ultrapassa uma simples existência. Como diz Mabel Collins (1995, p.37), na *Luz no Caminho*:

“A grande e difícil vitória, o domínio dos desejos da alma individual, é obra de idades; portanto, não esperes receber a recompensa antes que idades e idades de experiências de hajam acumulado. Quando tiver soado a hora de aprender esta regra 17, o homem estará próximo de se tornar mais que um homem”.

Ocultismo e ciência

Como falar sobre o que não se vê e que, na maioria das vezes, acontece no interior de uma subjetividade rarefeita e impermeável a objetivações? Por que as ciências ocultas são, antes de tudo, veladas aos não iniciados? O termo ciências ocultas, na verdade, sempre despertou suspeitas no meio científico. Lalande (1996) expõe com precisão uma seqüência de definições sobre ocultismo que demonstra a profundidade dessa desconfiança.

Cita Grasset, para quem ocultismo é o “estudo dos fatos que não pertencem ainda à ciência (...) mas que pode vir a pertencer-lhe um dia”. Mais adiante, complementa com Mentré: “o ocultismo englobaria tudo o que ainda não é objeto da ciência, o que suporia que a ciência é o único modo de conhecimento”. Ainda sobre Grasset, afirma Boisse: “A definição do dr. Grasset é demasiado ampla: há fenômenos que não são ainda objeto da ciência positiva e contudo não têm nenhuma das características que distinguem os fatos de ocultismo” (Lalande, p. 764).

Portanto, “o caráter oculto destes conhecimentos vem sobretudo da sua transmissão puramente *oral* e *esotérica*. São ciências sem arquivos, que se transmitem a iniciados com a ajuda de signos especiais, ‘cabalísticos’. Elas [as ciências ocultas] temem a luz do dia e desvanecem-se na sua maioria quando submetidas à crítica”.⁵

Os enunciados acima são adequados ao iniciar-se um trabalho de tal natureza pelo impacto negativo imediato sobre o ocultismo. Associado a práticas *negativas* e *obscurantistas*, o termo ocultismo afasta freqüentemente o olhar objetivo das ciências que o abandonam ao discurso público de uma minoria de *iniciados*. Enquanto isso, uma grande maioria de interessados, que se pode contar aos milhões em toda parte, fica à mercê dos charlatães e da literatura de divulgação.

⁵ Lalande (1996, p. 764).

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Que os *fenômenos* assim ditos ocultos ainda não são objeto da ciência, atualmente é uma afirmação que já pode ser colocada em questão⁶. Que dizem respeito a uma transmissão oral e interna, eis outra afirmação que ninguém pode negar. Porém, que desvanecem-se ao sabor da crítica, esbarra-se num enunciado que só em parte deve ser considerado verdadeiro. Desvanecer-se é uma expressão muito forte para um *fenômeno* que, ao contrário de inúmeras teorias e idéias, mantém-se na Tradição⁷ há séculos de existência. O que se mantém, portanto, apesar da crítica, demonstra uma tal regularidade que deveria causar um mínimo de interesse das ciências.

Em poucas palavras, o problema é que as ciências não sabiam como lidar com o ocultismo. Ou caíam num positivismo estéril de “ver para crer”, e mesmo assim não criam, ou se protegiam por trás de um cinismo tão estéril como retórico, conquistando legiões de seguidores que vêm contribuindo com sucessivas gerações para manter o ocultismo nos porões do saber estabelecido.

Não há o que ocultar. Trata-se, na verdade, de estabelecer um esforço metodológico no sentido de criar ou aproximar conceitos que possam trazer à luz do dia o que vive à Luz do espírito. Ou, num sentido filosófico, recuperar idéias e conceitos que as ciências mantiveram no limbo durante anos a fio em consequência de condições histórico-sociais.

Antes de tudo, para ter-se uma hermenêutica das ciências ocultas é preciso, como se diz, “deixar Deus de lado”. Ele continuará presente, segundo o princípio da imanência, mas não o Deus antropomórfico que conhecemos. Como diz Prigogine⁸,

“Deus não é problema meu. Cada um de nós faz sua extrapolação. O máximo que posso dizer é que o problema da existência de Deus é diferente hoje do que era há algum tempo. Antes, parecia que você tinha de escolher entre duas certezas: a de Newton ou a da Bíblia. Essa oposição não era lógica, pois, mesmo em um universo autômato como o de Newton, você precisaria de alguém que criasse este autômato. Mas se você entende o universo como sendo capaz de se auto-organizar, a pergunta se torna: esse universo é possível devido à sua própria estrutura intrínseca ou porque alguém o programou? Acho que essa questão está muito além da nossa capacidade de entendimento”.

Como Prigogine, para fins operacionais entende-se Deus como um princípio auto-organizador do universo; em termos plotinianos, o princípio intelectual. Se Deus é isso, o princípio mesmo da inteligência, é incognoscível. Não cabe uma aventura com esse objetivo. No entanto, é possível tornar-se Um com esse princípio utilizando-se recursos nootrópicos disponibilizados pelas ciências em geral e pelo que se convencionou chamar de ciências ocultas.

Assim, de imediato afirma-se a existência de *sujeito* e *objeto* nas ciências ocultas. Conseqüentemente, há também *observação*. Besana (1990, p.55) fala da

⁶ Veja-se a contribuição de pesquisadores ligados ao programa de Comunicação e Semiótica do Doutorado da PUC-SP, notadamente o grupo Inter Psi – Grupo de Estudos em Semiótica, Interconectividade e Consciência.

⁷ Lalonde (1996, p.1147): “Aquilo que, numa sociedade (pequena ou grande) e particularmente numa religião, se transmite de uma maneira viva, que pela palavra, quer pela escrita, quer pelas maneiras de agir”.

⁸ Ilya Prigogine, entrevista a Alessandro Greco, *Gazeta Mercantil*, 12-13/06/1998.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



dificuldade de conceituar *observação* em condições normais da análise científica, porque “Todo processo cognitivo de natureza teórica, natural ou prática exige, para assegurar a sua própria sobrevivência, uma base constitutiva composta por um conjunto de fatos, de aquisições estáveis e seguras, cuja recolha é tarefa da observação. Logo, a observação surge como percepção atenta e consciente de situações, fatos etc, pormenorizadamente apreendidos e considerados”.

Procura-se, então, definir a observação considerando sua prática nas ciências e disciplinas que pressupõem a existência de objetos perfeitamente diferenciados do sujeito, como astronomia, ciências naturais etc. Pratica-se também a observação quando o objeto é um livro ou material resultante de produção mental de outras pessoas. Outra forma de praticar-se a observação é trabalhar sobre objetos documentais, como relatos, manuscritos, periódicos etc, relacionados a disciplinas como a história.

Todas essas áreas permitem a observação “do ponto de vista do esforço a desenvolver para atribuir um significado e uma organização sistemática a tudo que é observado, quer a observação resulte principalmente da aplicação do aparelho sensorial ou da aplicação de instrumentos conceituais, quer diga respeito genericamente a objetos naturais, ou, mais especificamente, a objetos espirituais, quer surja dirigida para o exterior ou interior do observador”(Besana. 1990. p.46).

Denominar ciências ocultas ao estudo de fenômenos parafísicos e espirituais, isto é, aqueles que se manifestam no âmbito do parapsiquismo⁹, não deve ser, portanto, fora de propósito. Isso porque há objeto observável, e sua relação sujeito-objeto tem assumido caráter mais científico nas últimas décadas com a abertura das ciências tradicionais a novos modelos teóricos. Além disso, o crescimento de casos e fenômenos parapsíquicos vem ocasionando o acúmulo de objetos observáveis. E os sujeitos do processo, por sua vez, vêm conquistando ferramentas que disciplinam a observação, muitas vezes desenvolvidas pela participação ativa de pessoas mais qualificadas cientificamente.

Em resumo, o observador científico dos fenômenos ocultistas, ele próprio tem participado como sujeito da sua experimentação. Com isso, o que tem sido considerado como ciências ocultas vai ganhando, no decorrer dos anos, novas técnicas sensoriais e

⁹ Dá-se preferência a parapsiquismo em vez de paranormalidade em razão do preconceito existente contra o segundo termo.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



ferramentas de análise que, certamente, podem levar a uma redefinição conceitual nos próximos anos. Como registra a literatura, defendendo essa abertura da ciência a fenômenos ditos ocultos, o “campo da ciência moderna, que é axiomático-dedutiva em suas formas ‘puras’ e empírico-dedutiva nas formas experimentais. Estes dois tipos pressupõem sempre uma causa para o fato”... e ...“o controle do fato pela indução ou pela dedução legítima-o cientificamente” (Sodré, 1994, P.17).

O “controle do fato” a que se refere Sodré é uma condição da prática ocultista. Mesmo que não o controle na sua totalidade, o que pode exigir um grau muito elevado de iniciação, o ocultista exerce sobre os fatos materiais, psíquicos e espirituais algum tipo de controle indutivo, pressupondo, portanto, alguma intencionalidade. Isso porque, segundo as leis do ocultismo, se a prática ou experimentação é involuntária, não é uma atividade ocultista. As ciências ocultas, segundo seus praticantes, não se qualificam apenas como práticas fenomênicas.

Sobre a observação fenomênica, Bacon afirma, segundo Japiassu (1995, p.52-53), que “os Empíricos se assemelham à formiga, pois coletam fatos sem ordem e sem escolha, dos quais não tiram nenhum proveito. Os Racionalistas, ao contrário, se assemelham à aranha, pois tecem teias admiráveis, mas sem nenhuma solidez. O modelo do verdadeiro sábio não é a formiga nem tampouco a aranha, mas a abelha; a abelha vai extrair o suco das flores nos campos e nos jardins, em seguida, o digere para transformá-lo em mel. Conclusão: a única esperança de progresso encontra-se na indução verdadeira, numa indução realmente probante, susceptível de provar que, uma vez supressa a causa, cessa o efeito (*sublata causa, tollitur effectus*)”.

Sodré (1994, p.32) aponta Isaac Newton como um “paradigma do cientista moderno”, considerado por Keynes como “o último dos magos”, porque “aceitava o método experimental moderno sem recusar as especulações herméticas. Ele concebia a ciência como um aprofundamento do saber antigo, presente tanto nos mitos como nos textos inaugurais da filosofia. (...) [Newton], “como qualquer alquimista, invocava ‘espíritos etéreos’ e fluídos em eterna circulação na natureza. Invocava o princípio obscuro da ‘força’”.

Se a concepção de uma substância etérea no espaço foi sendo abandonada pela ciência, que hoje fala em anti-matéria, a de campo ganhou reforço nas últimas décadas com as teorias do campo unificado.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Nos últimos anos, os cientistas desenvolvem experiências que resultam em teorias que nos próximos anos podem mudar a concepção de universo e de vidas. Contam-se às centenas os livros sobre física, cosmologia etc que procuram atender à procura de novos paradigmas que permitam compreender melhor os processos de vida.

A uma pergunta sobre a filosofia, se ela é útil para a ciência e vice-versa, Weisenberg afirmou que “A filosofia profissional tem um valor próprio, mas não tem muito valor para a ciência. Também acho que a maioria das descobertas na ciência, incluindo aquelas revolucionárias como a mecânica quântica e a relatividade, não é muito significativa para a filosofia. (...) Talvez a única descoberta da ciência que tenha sido realmente importante para a filosofia foi a descoberta da própria ciência. O fato de que era possível entender o universo de modo sistemático”.¹⁰

Ocultismo, fato e realidade

A noção de *fato* também merece ser considerada, para tratar de fatos objetivos e subjetivos. Citando Wittgenstein, sobre fato e coisa, Sodré (1997, p.16) afirma que “o fato (entendido como representação ou ‘frase’) não é o mesmo que ‘coisa’ ou objeto”. Wittgenstein afirma: “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”(Ibidem, p.16). Olson Kenneth Russel, citado por Sodré, faz o seguinte raciocínio para definir o fato, que inclui:

“(1) ocorrências em geral, assim como a es; logo (2) o que   o caso, se não   uma ocorrência; logo (3) o que se sabe ser o caso; logo (4) o que se sabe por observa o, mais do que por influência; logo (5) os dados reais da experiência, opostos ao que inferimos, ampliando um ou mais dos sentidos acima, (6) as coisas que realmente existem, tais como as pessoas e institui es, aparentemente para contrast -las com fic es” (Sodré, 1997, p.17).

O conceito de fato   aberto, mas os fatos *ocultos* ou *psíquicos* fazem parte de outro estado que não o material, embora englobem *também* o material. Isso porque os *fatos ocultos* acontecem em dois “lugares” ou mundos distintos e interligados: o interno e o externo, sendo que este permeado por “substância” tida como material, o * ter*, *plenum* ou seja lá que nome se d  a ele. Portanto, tal fato associa-se, sobretudo, ao conceito imaterial que se tem dele.

¹⁰ Gazeta Mercantil, 6-7/03/99.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunica o, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunica o, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Se o conceito de fato gera tanta controvérsia, mais ainda a provoca o de *verdade*. O conceito de verdade, como diz Sodré (1994, p.18), “deve ser entendido como adequa o do objeto ao sujeito”, isso porque “toda a experiência contemporânea da verdade (...) submete-se   prova de uma objetividade controlada (...) por um sujeito. A objetividade   sempre correlata a um sujeito –   a certeza que realmente a constitui”.

Como se trata de um conceito essencial, enfatiza-se as observa es de Sodré sobre verdade. Diz Sodré (1994, p.18): “entende-se ‘verdade’ como uma adequa o e por tr s ângulos diversos: (1) como concordância da coisa com a realidade determinada (harmonia entre a coisa e o que ela deve ser); (2) como conhecimento, ou seja, como ajustamento entre o que o sujeito pensa e o que a coisa  , sendo o erro o contrário disso; (3) como sinceridade, isto  , como enuncia o correta do que o sujeito pensa sobre a coisa, sendo o contrário disso a mentira”.

Assim, beirando o caminho do discurso, podem ser considerados “verdadeiros” os fatos aqui mencionados, quais sejam, a existência de uma “hierarquia oculta” de seres evoluídos que já passaram pela experiência humana e hoje “trabalham” para servir ao homem e levá-lo a percorrer o mesmo caminho? “A verdade dos fatos”, expressão que já foi muito comum na m dia,   que nosso empreendimento não envolve uma “coisa” sobre a qual se pode construir um discurso que d  conta de uma verdade.

Gianni Micheli (1990, p.93), sintetizando concep es sobre o *real*, diz:

“O conceito de real desempenha um papel importante na filosofia, cuja história   percorrida na sua totalidade pela controvérsia que diz respeito   defini o do real e ao caráter da oposi o entre o que   real e o que não  . Se o real   idêntico ao ser, como se pode compreender esta identidade? Tudo o que   objeto da nossa *percep o*   real e, por conseguinte, o termo que se lhe opõe   o imaginário. Será que o real se esgota no campo da percep o, enquanto tudo o que   abstrato entra no campo da fantasia? Finalmente, não será verdade que o real se identifica com o racional, na medida em que a *razão*   juiz do *mundo* sensível, como o   da experiência?”.

No ocultismo, palavras como *percep o* e *sensível* são empregadas com freq ncia. *Razão*, por sua vez, quase não   usada, embora *experiência* seja o campo de a o da sua prática. Pratica-se o ocultismo como uma técnica que leva ao desenvolvimento da percep o e da sensibilidade do indivíduo às coisas do espírito. Pode-se dizer, portanto, que a prática ocultista não   real e impermeável   razão?

Fen menos ocultistas são da ordem da causalidade. Muitos casos de parapsiquismo podem ser explicados   luz da ciência tradicional, pelo menos no que diz

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunica o, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunica o, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



respeito aos seus efeitos observáveis (o entortar de garfos e moedas, os fatos decorrentes da sincronicidade etc). Mesmo assim, tais fenômenos avaliados pelo princípio da causalidade quase sempre deixam velados pressupostos de manifestação. Que se manifestam, todos vêm, mas de onde vem, por exemplo, o poder manifesto de sinergia?¹¹ Um indivíduo com tal poder¹², de posse de um objeto pessoal, é capaz de relatar fatos e acontecimentos relacionados à vida do dono de tal objeto com uma precisão de alguém muito familiar. O significado da palavra traduz uma explicação: cooperação. Quem ou o que coopera com o indivíduo que manifesta o dom?

Saber nootrópico

Como explicar os fenômenos ocultistas numa linguagem científica acessível ao entendimento do comum dos homens? Aliás, quem, em algum momento de sua vida, não viveu uma experiência que seja considerada sobrenatural? Experiências desse tipo acontecem a todos, o que implica na afirmação de que a comunicação ocultista não é tão oculta assim¹³. Ela é tão freqüente como qualquer outro acontecimento, considerando-se a quantidade de pessoas que têm alguma experiência deste tipo ao longo de suas vidas.

Há uma diferença aqui entre experiência ocultista e experiência psíquica que precisa ser esclarecida. Diz-se ocultista toda experiência pressupondo processos conscientes de comunicação subjetiva. Já experiência psíquica é toda aquela que acontece na vida de um indivíduo, sem o envolvimento de processos conscientes. Ou seja, a experiência dita oculta é regra aos iniciados, aqueles que passaram ou não por experiências psíquicas e desenvolveram a capacidade de percepção consciente de fatos extra-físicos. Em ambos os casos, há um processo nootrópico, isto é, a ação de algo que impressiona a mente de alguém que, através de mecanismos percepto-cognitivos, responde ao estímulo com possíveis reflexos no corpo físico.

¹¹ Do grego *synergia*, cooperação.

¹² Ou “dom” no sentido atribuído por Paulo, o Apóstolo.

¹³ Nota-se a ênfase na expressão ocultista em vez de oculta, que denota velado. Adota-se a expressão ocultista no sentido de uma prática que direciona ao desvelamento.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O universo de significações das ciências ocultas¹⁴ é muito vasto e complexo. Se já é assim tão complicado, por que não simplificar? Os processos ocultistas¹⁵ são de uma natureza tão sutil que, como foi dito, só em condições muito especiais o ser humano tem acesso consciente a eles. Citando Hess-Lüttich, Santaella (1992) reproduz os componentes da ação comunicativa multimídia que o autor sistematiza como “sistemas problematicamente complexos de canais físicos, sentidos psicofisiológicos, modos semióticos e códigos sistêmicos”. No processo comunicativo ocultista, o homem é esse complexo de sistemas que deve funcionar adequadamente.

É preciso estabelecer uma *semântica* do **saber oculto**. Seu universo sígnico é muito vasto e pouco explorado adequadamente, exceto na sua relação com disciplinas como a psicologia e a mitologia, por exemplo. Os símbolos mágicos, astrológicos e divinatórios, os sonhos e imagens repletos de sentido para os praticantes do ocultismo, tudo isso preenche um universo semântico à espera de estudos mais conscienciosos. Como disse Lalande, as ciências ocultas são “ciências sem arquivos, que se transmitem a iniciados com a ajuda de signos especiais, ‘cabalísticos’”.¹⁶

Da mesma forma, uma *pragmática* ocultista pode levar ao esclarecimento de muitos pontos da comunicação interior. O contexto das enunciações do ocultista e do seu parceiro dialógico, isto é, a relação do signo com o seu usuário, se atentamente observada, quantificada e qualificadas pode trazer contribuições valiosas para o desvelamento das ciências ocultas. Já uma *sintaxe* ocultista envolve pressupostos complexos que devem abordados na medida de sua possibilidade. As relações entre os signos ocultistas, independentemente do sentido e do contexto, pressupõem a constituição de uma *noosemiótica*.

Hoje, a abertura da ciência tradicional à visão holística de um mundo macro inter-relacionado ao universo micro no campo da matéria, bem como a interação que vem estabelecendo com outros saberes e formas de conhecimento, possibilita ao pesquisador aventurar-se em campos novos ou pouco explorados, como é o caso das ciências ocultas. A compreensão do contexto científico atual e a constituição de um corpo metodológico mais adequado à observação, absorvendo

¹⁴ São consideradas práticas ocultas disciplinas como o Tarot, *kabalah*, os rituais teosóficos e maçônicos etc.

¹⁵ Reitera-se, novamente, a diferença de ocultismo para psiquismo, este mais fenomênico.

¹⁶ Obra citada.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



conceitos semióticos, das ciências cognitivas e da ecobiologia, associados às técnicas tradicionais e intuitivas, podem contribuir para a compreensão dos assuntos levantados neste projeto no sentido iluminar as vias um tanto obscuras da Tradição.

No meio ocultista diz-se que só é dado ao homem aquilo que ele pode compreender. É por isso que o véu que encobre os segredos desse mistério denominado de oculto ainda não foi retirado. E nem vai ser a um curto prazo de tempo. O próprio homem vai encarregar-se de desvelar os mistérios da vida, mas não antes, conforme a tradição ocultista, de superar a fase psiconoética em que vive. Até lá deve-se caminhar lentamente num esforço de trazer à luz, no quadro compreensível da ciência atual, os segredos de um conhecimento que, muitos séculos antes da filosofia contemporânea, já constituía um Saber que surpreende por sua atualidade.

Referências Bibliográficas

- A Bíblia de Jerusalém*. SP: Paulinas, 9ª. ed.
- BESANA, Luigi. “Observação”. In: *Enciclopédia*. Lisboa: Imprensa Nacional, V. 18, 1990, p.55-74.
- BLAVATSKY, H. P. *Glossário Teosófico*. SP: Ground, 1995, 3ª Ed.
- COLLINS, Mabel. *Luz no Caminho*. SP: Pensamento, 1990, 85p.
- DALMOR, E.R. *Quien Fue y Quien Es en Ocultismo*. Buenos Aires: Kier, 1989, 2ª. ed., 972p.
- ECO, Humberto. “Aspectos da semiose hermética”. In: *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995. pp. 21-76.
- JAPIASSÚ, H. *Francis Bacon, o Profeta da Ciência Moderna*. SP: Letras e Artes, 1995, 142p.
- JUNG, Carl. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991, 566p.
- *O Homem e seus Símbolos*. RJ: Nova Fronteira, s/d, 9ª. ed, 316p.
- KING, Godfré Ray. *Mistérios Desvelados*. Trad. Marysia Fontoura Leinz. RJ: Vahali-Brasil, 1995, 3ª. ed., 225p.
- *Presença Mágica*. Trad. Marysia Fontoura Leinz. RJ: Vahali-Brasil, 1980, 2ª. ed., 309p.
- *Discursos de AYAM*. Trad. Marysia Fontoura Leinz. RJ: Vahali-Brasil, 1977, 288p.
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. SP: Martins Fontes, 1996.
- MICHEL, Gianni. *Real*. In: *Enciclopédia*. Lisboa: Imprensa Nacional, V. 18, 1990, p. 75-94.
- PERCHERON, Maurice. *O Buda e o Budismo*. RJ: Agir, s/d, 191p.
- SAMUELS, Andrew et alii. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. RJ: Imago, 1988, 236p.
- SANTAELLA, Lúcia. *A Assinatura das Coisas*. RJ: Imago, 1992, 216p.
- *Cultura das Mídias*. SP: Razão Social, 1992, 137p.

* Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SODRÉ, Muniz. *Jogos Extremos do Espírito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WILSON, Colin. *O Oculto*. Vol. I. RJ: Francisco Alves, 2ª. ed., 1991, 273p.